$



Fig. 1: Caminho dos Jacarandás / Praça da Alfândega, Porto Alegre, RS, Brasil. 2022. Fonte: Acervo *Ecomuseu Urbano*.

ECOMUSEU URBANO

Cláudia Zanatta e Vado Vergara

Resumo: O presente ensaio trata a respeito de uma incursão existencial dos artistas Cláudia Zanatta e Vado Vergara, iniciada em 2021, intitulada *Ecomuseu Urbano*. Esta experiência de arte urbana se constitui de ações individuais e coletivas que se manifestam em instalações, plantios, entre outras ações artísticas que ocorrem em espaços públicos a céu aberto e institucionais (públicos ou privados). Neste ensaio, de forma livre, enfocamos ações que ocorreram nas praças do Centro Histórico, Porto Alegre, a qual dá início a possíveis caminhos, metodologias e relações do pensamento entre arte contemporânea, cidade e ecologia.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. *Ecomuseu Urbano*. Cidade. Floresta. Jardim.

URBAN ECOMUSEUM

Abstract: This essay is about an existential incursion of the artists Cláudia Zanatta and Vado Vergara, initiated in 2021, entitled *Urban Ecomuseum*. This urban art experience consists of individual and collective actions that manifest themselves in installations, plantings, among other artistic actions that take place in public open-air and institutional spaces (public or private). In this essay, we focus on actions that occurred in the squares of the Historic Center, Porto Alegre, which initiates possible paths, methodologies and relationships of thought between contemporary art, city and ecology.

Keywords: Contemporary Art. *Urban Ecomuseum*. City. Forest. Garden.

Uma praça pode ser biodiversa. Lugar comum do encontro de seres singulares que compartilham o tempo em espaços que se renovam a todo momento mediante relações que se atravessam. Pulsos de vida e morte. Múltiplos indivíduos estabelecem uma rede de pensamentos polifônicos que se entrecruzam e se multiplicam acerca dos canteiros de uma praça, entre outras coisas. Coisas e Seres. Pensam sobre o almoço e sobre a falta dele. Pensam sobre recolher ou não a merda do seu animal doméstico. Pensam, ao sair do supermercado e passar em frente à praça, sobre o tempo de desintegração do plástico da sacola com as compras para o almoço. Pensam que no futuro essa sacola protegerá suas mãos ao recolher o excremento do seu PET. Pensam sobre seus direitos. Pensam sobre seus deveres. Pensam sobre seus direitos sendo oferecidos como serviços. Pensam sobre querer tudo. Pensam em não sofrer tanto. Sobre se alongar e meditar. Pensam sobre não ter filhos. Sobre trabalhar. Sobre ter emprego. Sobre prestar serviço. Sobre autonomia. Pensam em se aposentar. Pensam que talvez nunca se aposentarão. Serviço social, ler jornal, dedicar-se à arte. Praia ou campo. Terra arrasada. Alguns herdam uma construtora, outros abrem farmácias ou multiplicam sua rede de supermercados. Outros vendem *brownie*. Outros não têm nada a oferecer. O mesmo empreendedorismo em diferentes modelos de negócio. Novo conceito de restaurante. Cafeteria que vende a experiência de um café. Todos aparentemente pagam os mesmos tributos. Diferentes pessoas, diferentes cotações. Alguns declaram imposto de renda. Outros não tem nada a declarar. Outros sonham com o prêmio da Nota Fiscal Gaúcha. Bilhetes premiados. Aposta online. Pornografia. O Ministério da Saúde adverte que fumar causa impotência. Cai ministro. Troca presidente. Algoritmo. Democracia. *Made in China*. Dolariza/Desdolariza. Yuan. BRICS. OTAN. Rússia e Ucrânia. EUA. Capitalismo de Vigilância. Neoliberalismo. Anarcocapitalismo. Capitalismo Estatal. Socialismo de Mercado. Guerra Fria. Superaquecimento Global. Degelo Global. Antropoceno. Chthuluceno. Capitaloceno. Necroceno. Necropolítica. Biopolítica. Agrotóxicos. O Ministério da Saúde adverte que fumar causa câncer. Nova vacina. Petróleo. Carro elétrico. Foguete destroça. Ações despencam. Mineração. Baleias acumulam. Mercado se recupera. Terra plana. *Fake*

news. Forbes. Ignorância construída aos bilhões de bytes. Econômico. Social. Cosmopolita. Cultural. Multicultural. Abre fronteira. Migração entre países do sul global. Passaportes. Fecha fronteira. Tecnologia. Inteligência Artificial. Por favor, confirme se você é humano. *Smart City, Smart House, Smart Phone*. Novo velho sistema operacional. Imagens em alta resolução. Câmeras. Vigilância. Se considerarmos uma análise combinatória desses e outros múltiplos fatores, o mais improvável seria encontrarmos um denominador comum entre eles. Neste momento, todos os olhos se voltam ao Jardim. Floresta Jardim Cidade. Floresta Urbana. Cidade Jardim. Cidade.

$$



Fig. 2: Praça Brigadeiro Sampaio, Porto Alegre, RS, Brasil. 2022. Fonte: Acervo *Ecomuseu Urbano*.

Uma *Bromélia-imperial*, ao ser plantada, estende suas folhas em resposta ao chamado do sol. Gerânios, e uma das roseiras que encontramos no lixo e replantamos, crescem. Espada-de-São-Jorge, Arruda, Guiné, Levante, Quebra-Tudo, Alecrim e Onda-do-Mar em outro canteiro. Às costas de quem contempla o Jardim, iniciamos outro desejo de Floresta com o plantio de uma *Caneleira-ferrugem*. Um pássaro achado sem vida foi plantado junto. Perto de uma escadaria, um *Pau-brasil* completamente seco, esturricado, mesmo morto, em pé resiste. Algumas árvores recém-plantadas têm tutores de madeira para acompanhar seu crescimento, suportar o vento e outras manifestações. Um tutor vira lenha para cozinhar alimento na própria praça. O manejo do local é contínuo, bem como contínua é a mutilação. Podas são feitas. Transplantes acontecem. Quando uma árvore é arrancada, se categoriza como supressão. Crescimento e brotação também são permanentes. Deleites florescem, oferecem-se. Perfumes. Cores. Formigas trabalham incansavelmente. *24/7*. Uma pessoa dorme em um velho colchão sobre as plantas rasteiras do que foi denominado como canteiro ancestral. Nas imediações, militares se exercitam. Também por ali crianças brincam, pessoas bem alimentadas passeiam com cães, pessoas com fome aguardam seu tempo. As relações são diversas e complexas desde a sua gênese. Sol e lua em cima disso tudo. No subsolo, raízes desgovernadas se entrelaçam. Esta praça foi batizada com o nome de um brigadeiro do Exército Brasileiro, Brigadeiro Sampaio. Luzes artificiais foram instaladas para iluminá-lo à noite. No entorno, onde a luz falha o foco, em sua obscuridade, como rasgadura que se faz, o *não-saber* se preserva nas sombras.

A praça é um Jardim que oferece canteiros no coração da Cidade Floresta. Nesta zona, o metro quadrado valoriza. Na margem do rio, um muro.

$$$



Fig. 3: Praça Júlio Mesquita, Porto Alegre, RS, Brasil. 2022. Fonte: Acervo *Ecomuseu Urbano*.

No entorno da praça tudo se revitaliza: o cais, os edifícios, a orla, as ruas, a recente Basílica das Dores. Há aparente civilidade e alegria na orla do Guaíba. Nos deslumbramos ou nos desgostamos com as novas edificações, com a população consumindo o espaço público a qualquer hora do dia ou da noite. As câmeras de vigilância acompanham a movimentação. A empresa que produz veneno mantém a orla. A empresa de telecomunicação mantém a orla. A empresa privada de mobilidade mantém a orla. A empreiteira mantém a orla. Tudo adotado e cultivado. Tudo é renomeado. Há muitos modos de cultivo. Na praça, o Jardim é pulsão de retorno. Retornar para onde? Expulsos de algum lugar (ali estivemos?), retornar nunca foi uma opção. Jardim na cidade. Nele não estamos mais (estivemos?). O fruto e o gosto do fruto, seiva que escorre pelo canto da boca. (Saliva que se impõe à costela e escorre pela coxa). Desejo de muitos, realização de poucos.

$$$$



Fig. 4: Plantio *Caneleira-ferrugem*, Praça Brigadeiro Sampaio, Porto Alegre, RS, Brasil. 2021. Da esq. Bety Margarida Kunz, *Caneleira-ferrugem* e Marivane Anhanha Rogério. Fonte: Acervo *Ecomuseu Urbano*.

Cada praça possui uma dinâmica própria. Múltiplos e diversos seres em harmonia e choque se confrontam e também colaboram, em convergências e divergências, na busca de um pretenso entendimento que se faça comum a todos. O comum a todos é feito no ruído, dissonância. Todo ponto de vista é potência de destruir e/ou edificar, em sua complexidade ao atritar com a ideia de consenso. Lugares públicos no urbano, as praças estão em permanente disputa, seja pelas formigas que devoram um *Guatambu-branco* recém plantado, seja pelo poder público e a iniciativa privada, seja pela comunidade que a constitui. Esse Éden é assim.

$$$$$



Fig. 5: Praça Brigadeiro Sampaio, Porto Alegre, RS, Brasil. 2022. Vado Vergara e Cláudia Zanatta. Fotografia: Bruna Suptitz. Fonte: Jornal do Comércio.

A partir do entendimento da impossibilidade de Harmonia (antigo nome da praça agora denominada Brigadeiro), iniciamos - Cláudia Zanatta e Vado Vergara -, o *Ecomuseu Urbano*, nossa incursão existencial. Neste processo as coisas se mostram aos poucos e também se escondem. Abruptamente um broto irrompe ao pé de uma planta. No momento seguinte, as formigas carregam uma folha aos pedaços para seu ninho. Assim pensamentos e palavras também andam às voltas com o que desconhecem. O *Ecomuseu Urbano* tem se apresentado como um devaneio comprometido com o pensamento. Ao pensar o urbano, seja na utópica potência do viver em coletivo, ou na brutalidade que as próprias questões do viver junto produzem, o *Ecomuseu Urbano* iniciou em 2021, articulando práticas em arte contemporânea na cidade. As ações que viemos propondo trazem o pensamento como a própria entrega artística manifestada em instalações, escritas, audiovisuais, imagens, cerâmicas, plantios, percursos realizados em caminhada entre as praças (um dos principais elos de ligação da malha do *Ecomuseu Urbano*) e outras proposições que ainda estão por se desvelar. Transitando entre lugares públicos ou institucionais, o pensamento em seu curso determina formatos, linguagens, espaços/tempos de acontecimentos e de apresentação das ações.

Mediante o perambular na área central da cidade, percebemos, entre outras coisas, que nos últimos anos muitas espécies arbóreas haviam sido suprimidas da via pública. A partir deste momento, consideramos realizar a reposição de árvores próximas a esses locais. Nossa primeira ação artística[1] ocorreu mediante o plantio e manutenção da árvore *Caneleira-ferrugem* na praça Brigadeiro Sampaio, em conjunto com SMAMUS (Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade), a antiga SMAM e Viveiro Municipal de Porto Alegre. A partir desta iniciativa, estamos dando continuidade a outros plantios de espécies arbóreas para criar percursos que conectem todas as praças do Centro Histórico. Acervo vivo que se desenvolverá ao longo da passagem do tempo. Ao longo dos últimos anos viemos tramando arte, cidade e ecologia (eco, do grego *óikos*, casa) em um tecido de

1 Tal ação fez parte da exposição coletiva denominada *Museu Baldio*, ocorrida na Casa de Cultura Mário Quintana, em 2021, com curadoria de Marcelo Chardosin, em Porto Alegre, RS, Brasil.

horas contínuas de caminhadas, conversas, negociações, atritos, esperas, risadas, plantios, ingestão de cafés, mates, discussões, escrita, imagens, sons gravados, muito tempo passado junto, encontros com pássaros mortos e cabeça de peixe no concreto, com o formigueiro na carne da melancia que se oferece a todos. *Eros* vermelho. O plantio da *Caneleira-ferrugem* aproximou pessoas com uma intenção comum antes do ato de plantar, trouxe gente que observou e questionou o que estava sendo feito. Cavamos. Plantamos. Bety Margarida, 93 anos, há 43 anos morando no Centro Histórico, auxiliou a plantar a *Caneleira* e foi homenageada neste plantio. Vida e morte em ciclo. Regamos por meses. Nesta capital, situada bem ao sul, feita de muitos habitantes e inúmeras câmeras, a *Caneleira-ferrugem* cresce há mais de dois anos. Desde então, suas folhas vêm se renovando e as raízes se estendendo por baixo da terra. Esta árvore está exposta à ação do vento, do sol, das mãos humanas, dos insetos, da chuva. Na mesma praça, se nos distanciarmos um pouco da *Caneleira*, vamos encontrar canteiros com bromélias, entre outras espécies que compõem um pequeno jardim. As plantamos junto com moradores do entorno do local. Quando adentramos neste espaço dos canteiros cercado de árvores, a sensação é completamente diferente da que sentimos quando nos aproximamos da *Caneleira* que está próxima a uma via de fluxo intenso de carros. No jardim o ruído sonoro é menor e também maior no atrito entre as pessoas que decidem sobre este espaço onde há luz, há organização geométrica em forma de círculo. Há um florescimento diferente. Como falar de coisas que desabrocham sem termos previsto? Como olhar para aquelas que nos enfrentam? Olhamos para nossas unhas depois dos plantios. Embaixo delas a terra se entranha. O prazer se manifesta. Por algum momento, nada mais se faz necessário.

O Jardim pode ser uma latência de Floresta, se abandonado da mão humana, seja na abdicação de um cuidado excessivo, seja na escolha das espécies. A Floresta é latência no jardim, domesticada sob o jugo da mão humana que elimina tudo que foge ao controle e que torna indesejado aquilo que não lhe serve. Floresta Urbana. Cidade Jardim. Floresta inventamos na medida em que escrevemos, convivemos, caminhamos, plantamos, embrenhados em veredas emaranhadas, tropeçamos em nossa imaginação enquanto a pensamos. Na Floresta quase

não se percebe a ação continuada das formigas. O plantio feito pelos pássaros. A ação das abelhas. O vento. Agentes polinizadores. Humanos em relação. Energia compartilhada entre as diversas espécies. Canteiro sagrado e oferenda-alimento. Maçã e formiga. Melancia e formiga. Na Brigadeiro Sampaio se plantou em desejo de Floresta uma *Caneleira* e em imposição de projeto como Jardim, uma *Bromélia*. *Caneleira-ferrugem*, *Bromélia-imperial*. A cidade Floresta se cultiva no biodiverso, na densidade populacional (todas as populações), na faísca da máquina, no que aparece e no que não vemos, uma coisa por cima da outra, por dentro da outra saindo, o devorar na voracidade e na calmaria, no ruído da poda e no canto da cigarra, no que é arrancado do solo, no que é plantado no solo, no sem som que vinga por si quando o deixamos quieto e no que absolutamente independe de nós.

O que é o Jardim? Como se faz a Floresta? Dentro do urbano, são processos. Qual a Cidade?

$$$$$$



Fig. 6: Praça Brigadeiro Sampaio, Porto Alegre, RS, Brasil. 2022. Acervo *Ecomuseu Urbano*.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Santa Catarina, Editora Argos, 2009.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE. Disponível em: https://associacaocentropoa.blogspot.com/p/quem-somos.html Acesso em: 10 maio 2023.

BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. A Individualidade numa Época de Incertezas. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BATAILLE, Georges. A experiência interior: seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953: Suma ateológica. v. I. Belo Horizonte, 2020.

BORGES, Osvaldo (Vado) Vergara. Cavalo-palavra: da ideia do absurdo à sensação de fracasso. Dissertação. Porto Alegre: Instituto de Artes da UFRGS, 2023. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/257756 Acesso em: 12 abr. 2023.

_____. Flores, 2017. vídeo (17 min). Disponível em: https://vimeo.com/234545214 Acesso em: 20 abr. 2023.

BYUNG-CHUL, Han. Louvor à Terra: Uma viagem ao jardim. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2021.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo, Ubu editora, 2016.

DANTE, Alighieri. A Divina Comédia: Inferno. São Paulo, Editora 34, 2019.

GROS, Fréderic. Caminhar, uma filosofia. São Paulo, Ubu Editora, 2021.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. China: O socialismo do século XXI. São Paulo, Editora Boitempo, 2021.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, Cia. das Letras, 2019.

LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. Rio de Janeiro, Editora Record, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo, n-1 edições, 2020.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente, 2012. vídeo (2 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jol6obrtCpg Acesso em: 10 abr. 2023.

VOLTAIRE. Cândido ou o otimismo. São Paulo, Ed. 34. 2013.

ZANATTA, Cláudia. Malas-hierbas. Análisis de una poética personal en arte participativo. Tese. Valencia: Universidad Politecnica de Valencia, 2013. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142892 Acesso em: 10 abr. 2023.

Cláudia Zanatta. Artista e professora do Departamento de Artes Visuais/ IA/UFRGS, onde atua no Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003) e doutorado em Arte Público y Poéticas Visuais - Universidad Politénica de Valencia (Espanha) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (co-tutela). É líder do Grupo de Pesquisa CNPq Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania, onde desenvolve a pesquisa Poéticas da Participação. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Número ORCID: 000-0003-1312-6203.

Vado Vergara é artista visual formado em Produção Audiovisual pela PUC-RS e Mestre em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes, PPGAV, da UFRGS, 2023. Desenvolve pesquisa voltada à arte contemporânea e cidade e participa do Grupo de Pesquisa CNPq Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania, onde desenvolve a pesquisa Poéticas da Participação. Participou de exposições coletivas e individuais, seus trabalhos já foram premiados e circularam por mais de 50 festivais nacionais e internacionais, museus, galerias e mostras de cinema e vídeo arte. Em 2019, Vado Vergara recebeu o prêmio "Lawrence Kasdan Award for Best Narrative Film", (Oscar® Award Qualifying), no 57º Ann Arbor Film Festival, festival mais antigo de filmes experimentais e de vanguarda da América do Norte. Vado Vergara também recebeu o prêmio de Melhor Direção no FestUni do 51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.